



## **A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE DO ESTÁGIO NÃO OBRIGATÓRIO: O Processo de Alfabetização de um Aluno Surdo**

ALINE JAISLANE DE SOUZA TAVARES

### **RESUMO**

Este artigo trata-se de um relato de experiência a partir do estágio não obrigatório proporcionado pela Secretaria Municipal de Educação de Maceió (SEMED). O estágio ocorreu em uma Escola Municipal, localizada no bairro da Santa Lúcia, na cidade de Maceió, no turno noturno, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos – EJA. O mesmo foi realizado por um período de dez meses, de setembro de 2016 a julho de 2017. O objetivo deste trabalho é relatar como se desenvolveu a aplicação de atividades, para com um aluno surdo, por meio da estagiária, esta estudante do sétimo período de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Respaldou-se nos conhecimentos de Campello (2007) para a elaboração deste estudo, onde a metodologia adotada para com o estudante foi a semiótica imagética. Após a observação participante, concluiu-se que o estágio não obrigatório foi de grande relevância na formação em Pedagogia da discente, além de deparar-se com a importância de um profissional no acompanhamento de alunos surdos no seu processo de aprendizagem, no ensino da Língua Brasileira de Sinais e da Língua Portuguesa.

**Palavras-chaves:** Estágio. Surdez. Língua de Sinais



## INTRODUÇÃO

O que sabe-se da história da comunidade surda é que ela surgiu ainda na antiguidade quando realizavam atrocidades contra os surdos, onde condenavam a criança a sofrer a mesma morte reservada ao retardado. Segundo Berthier (1984, p.165), naquela época, “a infelizmente criança era prontamente asfixiada ou tinha sua garganta cortada ou era lançada de um precipício para dentro das ondas.”.

Durante a Idade Média a meados da Idade Moderna, os surdos ainda eram submetidos a determinadas situações: não tinham tratamento digno, eram proibidos de receber a comunhão, de herdar heranças e de votarem. Apenas em 1644, na França, surge a língua de sinais e a leitura labial como forma de comunicação, chegando ao Brasil em 1855. Sendo fundada no Rio de Janeiro a primeira escola para surdos em **1877**.

A língua de sinais é reconhecida como meio legal de comunicação no Brasil somente por meio da Lei 10.436 de 2002, além disso, a lei garante o ensino da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, no sistema educacional federal e nos sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal.

Tendo o ensino da LIBRAS como parte integrante de alguns cursos de formação como conquista, em 2005 através do Decreto 5.626, ela passa a ser considerada também como disciplina obrigatória nos cursos de formação de professores. Desta forma, com a escassez de profissionais na área de LIBRAS, a Secretaria Municipal de Educação de Maceió (SEMED) passa a recrutar estagiários dos cursos de Pedagogia e Letras, que tenham conhecimento em

A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE DO ESTÁGIO NÃO OBRIGATÓRIO:

O Processo de Alfabetização de um Aluno Surdo

ALINE JAISLANE DE SOUZA TAVARES



LIBRAS para além da disciplina que compõe a grade do curso de graduação, para auxiliar nas escolas em que constam alunos surdos matriculados.

A Língua Brasileira de Sinais, como o nome já diz, é uma língua brasileira, portanto não é universal, tendo também suas variações de região para região. Ao contrário do que pensam, a LIBRAS não é só uma língua para ser usada por surdos, mas também por ouvintes que queiram se comunicar com surdos, desde que se interessem, pois sua aprendizagem demanda tempo e estudos.

Assim como ouvintes tem dificuldades em aprender a LIBRAS, os surdos também se deparam com obstáculos na escrita da Língua Portuguesa, por conta de uma falha na alfabetização e pela falta de acesso ao ensino da segunda língua. Foi o que aconteceu com o aluno surdo acompanhado pela estagiária deste relato.

Diante do exposto, o objetivo deste relato é apresentar a experiência de estágio não obrigatório, no período de dez meses, vivenciado por uma estudante de Pedagogia com um aluno surdo matriculado na rede pública de Maceió, além de desvelar o processo de ensino-aprendizagem ocorrido durante o período do acompanhamento da estagiária para com o estudante. O estágio aconteceu na Escola Municipal, na Educação de Jovens e Adultos (EJA), no turno noturno, com um aluno de 17 anos, matriculado na quarta fase do segundo segmento do EJA.

## **METODOLOGIA**

No primeiro contato com a escola pode-se notar um cenário comum nas escolas de Maceió, a falta de assistência para os estudantes com deficiências



de um modo geral. Em toda a escola constavam três alunos surdos, todos no turno noturno.

Esta pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa do tipo estudo de caso e aborda a experiência com um discente surdo da educação básica, aqui identificado como Estudante A. A metodologia adotada no processo de alfabetização do Estudante A foi baseada na, segundo Campello (2007), semiótica imagética. O período de estágio durou dez meses, de setembro de 2016 a julho de 2017. Para coleta de dados utilizou a observação participante, como instrumento foi adotado um diário de campo onde foram registrados todas as ocorrências durante o período de estágio.

O Estudante A, do gênero masculino, surdo e com 17 anos, estava matriculado na quarta fase do segundo segmento do EJA, pois a lei não permite que um estudante reprove por mais de dois anos a mesma série. O sujeito em questão é encaminhado pela coordenadora, com a chegada da “intérprete”, para a primeira fase, para que lá seja devidamente alfabetizado.

O Estudante A possuía conhecimento prévio em LIBRAS, o que facilitou a comunicação. Por conta da surdez, percebeu-se a necessidade de uma atenção dobrada no aspecto “visualização”. Considerando as singularidades de apreensão dele, os recursos visuais foram adotados como ponto chave, como figuras, jogos, desenhos, fotos e o próprio quadro da sala de aula. Segundo Campello (2007), trata-se de uma semiótica imagética, isto é, a exploração da visualidade, das expressões faciais e corporais é que proporcionam a aprendizagem às pessoas surdas.

A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE DO ESTÁGIO NÃO OBRIGATÓRIO:

O Processo de Alfabetização de um Aluno Surdo

ALINE JAISLANE DE SOUZA TAVARES

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para o Estudante A, em questão, algumas atividades foram propostas, como o alfabeto por meio de letras móveis (sinal e letra), os animais através de um jogo de dominó e o corpo humano por intermédio do jogo da memória. Além dos jogos (bingo, jogo da memória, dominó etc), atividades “xerocadas” através da associação da escrita, sinal e figura também foram utilizadas. O método de associar esses três fatores: escrita, sinal e figura é necessário para a memorização das palavras trabalhadas.



Imagem 1 – Jogo da memória



Imagem 2 – Letras móveis e Bingo

A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE DO ESTÁGIO NÃO OBRIGATÓRIO:

O Processo de Alfabetização de um Aluno Surdo

ALINE JAISLANE DE SOUZA TAVARES

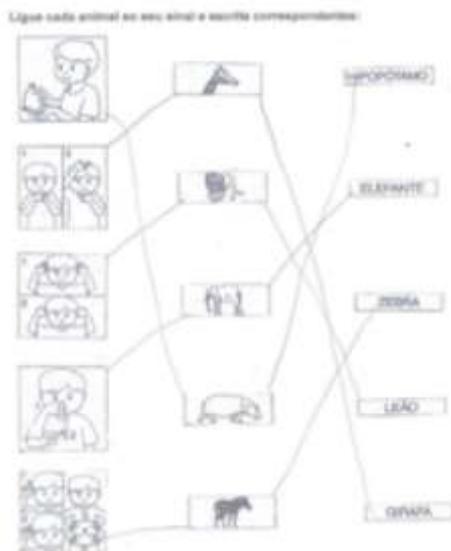


Imagem 3 – Atividade xerocada

Na alfabetização matemática eram utilizados palitos de picolé para facilitar a contagem. Na presença de problemas matemáticos, a leitura era feita em LIBRAS pela profissional e o aluno respondia sozinho por meio dos palitos de picolé e às vezes pela contagem nos dedos.

Uma vez por semana, a “intérprete” realizava uma aula na sala de recursos, no qual eram revisados os assuntos vistos em sala de aula. A frequência a sala de recursos era pouca, pois o aluno não se sentia à vontade distante do grupo.

Na sala de aula, os alunos ouvintes possuíam um ótimo relacionamento com o aluno surdo, alguns despertaram o interesse em aprender o alfabeto em LIBRAS e a estagiária providenciou um cartaz com o alfabeto, onde nele também continha um exemplo com a letra inicial correspondente. Porém, apenas com a datilologia (realizar o sinal de letra por letra, como “soletrar”) não era possível se comunicar com os surdos e os ouvintes acabavam por utilizar mímicas.

A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE DO ESTÁGIO NÃO OBRIGATÓRIO:

O Processo de Alfabetização de um Aluno Surdo

ALINE JAISLANE DE SOUZA TAVARES



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o encerramento do período de estágio pode-se concluir que a metodologia adotada para com o Estudante A obteve êxito, pois o aluno desenvolveu suas habilidades matemáticas nas operações de adição, subtração, multiplicação e divisão. Em LIBRAS houve um aumento em seu vocabulário de sinais, com os conteúdos trabalhados, como animais, corpo humano, objetos da sala de aula, entre outros. E em relação a Língua Portuguesa, assim como em LIBRAS, houve um aumento no vocabulário da escrita de certas palavras.

Foi possível observar também a importância de um profissional acompanhando alunos surdos desde a primeira infância, com a iniciação de sinais e no ensino da segunda língua, na fase da alfabetização.

No que se refere a experiência no estágio por parte da estudante de Pedagogia, ele permitiu o aprofundamento nos aprendizados adquiridos na formação inicial possibilitando a consolidação do conhecimento teórico com a prática vivenciada.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 25 de abril de 2002. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/L10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm)>. Acesso em: 26 jun 2016.



\_\_\_\_\_. Decreto n. 5626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei n. 10436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei 10098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 23 de dez. de 2005. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm)>. Acesso em: 26 jun 2016.

CAMPELLO, A. R. S. Pedagogia Visual / Sinal na Educação dos Surdos. In: Quadros, R. M. de.; Pelin, G. (orgs). **Estudos Surdos II**. Petrópolis: Arara Azul, 2007. p. 100-131.

## IDENTIFICAÇÃO DA AUTORA:

### ALINE JAISLANE DE SOUZA TAVARES



Graduada de Tecnologia em Gestão de Turismo pelo Instituto Federal de Alagoas - IFAL. Estudante de Pós-graduação em Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS pela Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF. Pedagoga licenciada pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL. Atuou na Secretaria Municipal de Educação da cidade de Maceió, 2016-2017, auxiliando alunos surdos do EJA. Foi bolsista Pró-Graduando, nos anos 2014-2016, da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, atuando na Coordenação de Pedagogia do Centro de Educação - CEDU. Bolsista, também, no ano de 2013, do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID/Pedagogia. Foi monitora, nos anos de 2013-2014, da disciplina Leitura e Produção Textual em Língua Portuguesa do curso de Pedagogia do Centro de Educação - CEDU. Atuou na Coordenação Financeira do Centro Acadêmico Paulo Freire - CAPed, na gestão 2013-2014.

**Email:** [alinetavares285@gmail.com](mailto:alinetavares285@gmail.com)

A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE DO ESTÁGIO NÃO OBRIGATÓRIO:

O Processo de Alfabetização de um Aluno Surdo

ALINE JAISLANE DE SOUZA TAVARES